



Nuno Costa Santos

# Viagem ao Fim do Sonho

Mesa do escritório. Do meu lado esquerdo está, no cimo de um monte de livros, “Jacques Brel – Voyage au Bout du Rêve”, com uma capa em que Brel, de chapéu na cabeça, casaco de cabedal, olha na direcção do ecrã.

É como se estivesse a espreitar, curioso, o que escrevo – e o que escrevo é um texto que recria a sua vida, uma parte da sua vida, aquela que experimentou pouco tempo depois de ter deixado os palcos.

Uma vida na qual entrou em diálogo e, na maior parte das vezes, em conflito com as letras que escreveu como quem revolve um magma à beira de ser expelido pelo mais impassível dos vulcões. É sobre esta história que me concentro. É sobre esta história que vão assentar as próximas Crónicas do Corpo Santo. Quero que o leitor venha comigo na viagem.

Já o lembrei noutro passo. Após a decisão de abandonar o trilhão musical, em Julho de 1974, Jacques Brel, embarcou, em dia de tempestade, no Askoy II, veleiro de aço com dezoito metros e nome de ilha norueguesa, em direcção às Ilhas Marquesas, Oceânico Pacífico. Fez no périplo várias paragens. Uma delas foi o arquipélago dos Açores, onde fez uma amizade.

Em Novembro de 1975, depois de interrupções na viagem por causa de tratamentos médicos vários, chegou à ilha de Hiva Oa. Acabou por se fixar aí. Passados os tormentos da doença, três anos depois morreu e foi enterrado ao lado do túmulo de Paul Gauguin.

Volto à mesa e à pilha literária. Debaixo daquele livro, está outro, a “Antologia Poética” do cantor/autor, editada pela Assírio e Alvim. Tenho a segunda edição deste volume incluído numa colecção chamada Rei Lagarto, que inclui a lírica de, entre outros, Jim Morrison, Patti Smith e Tom Waits. Companhias adequadas.

Na capa deste segundo livro, olha em frente, com olheiras, rugas na testa, ar de desafio.

Um Brel olha o texto.

O outro confronta-me.

Quero com ele seguir na viagem de iate rumo às Marquesas.

No gesto de *carregar a tristeza das partidas*.

No movimento de *sonhar um sonho impossível*.

No balanço de *arder numa qualquer febre*.

Na demanda de perseguir a *estrela inacessível*.

Arriscar com ele vagas.

Acompanhar as suas lembranças.

Sentir os seus remorsos.

*Não sei se serei esse herói, mas o meu coração ficará tranquilo.*

Um homem fuma um cigarro à proa de um barco, concentrado no som do mar. O cigarro é um Gallia, sem nicotina, não um Gitanes ou um Celtique, aqueles que lhe iam escurecendo todos os dias os pulmões.

Chega-lhe à memória, como uma onda a embater no casco, o primeiro verso da primeira canção do seu primeiro álbum, de 1954: “Come um Marin Je Partirai”. Pensa que, sem procurar o movimento, a corrente da sua biografia foi ter a esse verso.

Como um marinheiro eu partirei porque o nosso amor morreu, debaixo dos escombros do quotidiano.

*L’Amour Est Mort.*

Como um marinheiro eu partirei porque a nossa eternidade acabou. Logo nessa canção, lembra-se, ameaçou partir se a história de amor definhasse e, achando que a história de amor estava a definir, partiu. A história de amor com o público.

O bobo da corte sentimental. Era isso. Alguém que subia ao palco para dizer as vulnerabilidades amorosas e emocionais que pouca gente tem coragem de pronunciar. Pelo menos de uma maneira tão despudorada e intensa. *Deixa-me ser a sombra da tua sombra, a sombra da tua mão, a sombra do teu cão*. Não aceitava meias doses. Um homem na altura cantar “Ne Me Quittes Pas”, de uma forma tão suplicante e desprotegida, era a absoluta subversão. A senhora dona Édith Piaff, por exemplo, achou um excesso: “Um homem não se pode apresentar em público dessa maneira”. Riu-se da sentença. Era importante cantar o amor em todas suas falésias.

Não que achasse que as canções podiam salvar o mundo.

Em entrevista, disse: “*A canção não é uma arte maior nem menor. Não é uma arte. E não nos podemos esquecer que a canção se destina a ser passada na rádio, ou seja, em circunstâncias tais que toda a gente a escuta mas ninguém a ouve, e a ser cantada em espectáculos de music-hall, onde será intercalada entre um equilibrista e um malabarista*”. Ao mesmo tempo cantava versos tão belos como este: *Vou oferecer-te pérolas de chuva vindas de países onde nunca chove...*

Um acontecimento precipitou a escolha de sair. Início do Verão de 1966. Subiu ao palco na cidade de Laon.

O espectáculo decorria como era habitual, com canções a sucederem-se umas às outras, sempre celebradas como se fossem ofertas de um deus eufórico e melancólico. Mas, ao interpretar “Les Vieux”, Jacques notou que havia repetido uma passagem da letra da canção.

Como um homem envelhecido, enganou-se.

Levou o espectáculo até ao fim, funcionário sem humores e hesitações. Ficou com o equívoco a cacarejar dentro da cabeça. Não falou sobre o assunto a ninguém. No camarim, olhou para si no espelho e deixou de ver aquele que apanhara em Bruxelas, no ano de 1953, um comboio em terceira classe para ir ter uma reunião com Jacques Canetti, produtor e director de um teatro.

O homem que, aos 24 anos, entrou num concurso com 28 concorrentes e ficou em penúltimo lugar e que, ainda assim, não desistiu de ser o que queria ser.

Viu-se como um alguém fatigado, como um amante que se esquece dos versos que imaginou dizer à sua amada.

Pensou: *Estou a defraudar o público*.

Uns anos antes teria considerado ser uma rima divina: o pensamento caiu ao mesmo tempo que badalava o sino da velha catedral medieval.

Aos 38 anos, o Grand Jacques, que já não se via assim tão grande, chegou à repartição e disse:

- Pessoal, amanhã não venho.

Os seus comparsas de ofício tomaram a conversa como mais uma provocação de Jacky. Os jornalistas fizeram-lhe todas as perguntas.

Vai parar?

“Sim, vou parar de cantar. Há quinze anos que canto. No princípio ninguém queria que eu começasse, agora ninguém quer que eu pare. As pessoas não querem que eu pare mas a verdade é que eu tenho vontade de respirar um pouco”.

Isso não será misantropia?

“De todo. Quero ter tempo para ver, para amar, para essas coisas. Chama-se a isso liberdade”.

Isso não é uma forma de aburguesamento?

“Aburguesamento? Eu não estou à venda, compreende? E vou viver a minha vida da forma como a quero viver.”

Quis resumir tudo numa resposta:

“O quotidiano destrói tudo. É preciso ir ver”.

O homem, à proa de um barco, concentrado no som do mar, saca de mais um Gallia.

E fuma-o.